

Um livro vai para além de um objecto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Editora procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana "põe tudo quanto és no mínimo que fazes". Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

chiadoeditora.com

© 2012, Sara Marques Pereira, Francisco Lourenço Vaz e Chiado Editora
E-mail: info@chiadoeditora.com

Título: Universidade de Évora (1559-2009) – 450 anos de Modernidade Educativa

Coordenação editorial: Martina Ricci

Composição gráfica: Vitor Duarte – Departamento Gráfico

Capa: Vitor Duarte – Departamento Gráfico

Fotografia da capa: Susana Rodrigues.

"Experiência dos Hemisférios de Magdeburgo" (1654). Paineis de azulejos, sec. XVIII
na 'Sala da Física' (120) do Colégio do Espírito Santo – Universidade de Évora

Impressão e acabamento: BREAK PRINT

1.ª edição: Outubro, 2012

ISBN: 978-989-697-651-4

Depósito Legal n.º 343550/12

Coordenação de
SARA MARQUES PEREIRA E FRANCISCO LOURENÇO VAZ

UNIVERSIDADE
DE
ÉVORA
(1559-2009)

450 Anos de
Modernidade Educativa

Chiado Editora

PARTE 2

O ESPAÇO E ARQUITECTURA
DA UNIVERSIDADE

CAPÍTULO I

A UNIVERSIDADE E OS SEUS COLÉGIOS (SÉCS. XVI-XVII): DO REFERENTE DE UNIVERSALIDADE AO EXERCÍCIO FORMAL DO CLASSICISMO ARQUITECTÓNICO

Manuel F. S. Patrocínio

(Departamento de História da Universidade de Évora)

Apresentar-se-á a Universidade de Évora como uma grande *Casa*, ou, no desenvolvimento do respectivo conceito, como uma *agremiação de casas* que tiveram como núcleo inicial o *Colégio do Espírito Santo* e, em certa medida, também o *Colégio de N.ª Sr.ª da Purificação*, enquanto factos iniciais que resultaram do significativo projecto, eclesiástico como pedagógico, traçado pelo Cardeal – Rei D. Henrique (1512 – 1580) após assumir o Arcebispado de Évora (1540). À designação de *casa* cumpre, de qualquer modo, o seu duplo sentido, seja como designação espiritual, seja como realidade física que se revelou, arquitectonicamente, na cidade, ao longo da segunda metade do séc. XVI e prolongando-se pelos inícios do séc. XVII. Ao estabelecimento da universidade alentejana correspondeu, então, uma reunião de edifícios que, antes do mais, eram *casas colegiais* ou construções que obedeciam a uma traça de caracterização *colegial*.

O termo *colégio* (do Latim: *collegium*) consolidou-se com a origem e evolução da instituição universitária desde períodos medievais, em momentos a que remontam também as origens das tipologias de *edificação colegial* na Europa (cf. KIENE 1996; REICHLIN 1967; e as n/recapitulações: PATROCÍNIO 2009a; PATROCÍNIO 2009b). Portanto, o *colégio* era: “*collettività di persone affini per ufficio o per professione*” (REICHLIN 1968: 31); e também: “*building or group of buildings for members of a school or university foundation*” (KIENE 1996: 565). Muito embora se tratando de um projecto indispensável à acção da Igreja e às necessidades formativas do clero, a que se adicionou a componente científica desenvolvida pela missão que coube à Companhia de Jesus, o que veio a surgir como *Universidade de Évora* foi evidentemente uma estrutura com os aspectos próprios de uma *escola*. Tal como acontecia na Europa do tempo, tomavam-se como referentes matriciais os casos de Paris e Roma, salientando-se igualmente o exemplo do que sucedia também em Espanha (cf. referências atrás; e também: GUTIÉRREZ DE CEBALLOS 1967)¹.

Historicamente, o programa subjacente à implementação da Universidade alentejana, como projecto espiritual e como projecto construtivo, tendo derivado directamente da ini-

ciativa de D. Henrique, incorporaram projectos anteriores, como os dos *Estudos Gerais* que, desde tempos de D. Manuel I, se pretendiam instalar em Évora, tendo presumivelmente subsistido um primitivo *colégio* (ESPANCA 1966: 71–ss.; ESPANCA 1959: 155-156, 160–ss.). Tratando-se de um fomento que trouxe consigo a vigência da *escola pública* em Évora, e numa época em que, precisamente, o ensino voltava a estar entregue à Igreja, os Colégios do *Espírito Santo* e da *Purificação* subsistem, assim, como «*momentos mais significativos de um projecto complexo*» (POLÓNIA 2005: 63). Em relação ao projecto mais alargado, que previa, além dos mencionados estabelecimentos, os outros Colégios que não se chegaram a construir, de *S. Jerónimo*, de *S. Gregório* e de *Stº Agostinho*, desses demais núcleos, «*anexos ao corpo universitário pretendidos pelo arcebispo – fundador, somente pode este príncipe lançar os alicerces de dois, porque o Papa Gregório XIII não autorizou a união das rendas da Mitra e do Cabido eborense com que D. Henrique (...) [os] desejava manter*» (ESPANCA 1959: 191)

Ocupavam ambos os *Colégios do Espírito Santo* (iniciado ca. 1551) e o contíguo de *N.ª Sr.ª da Purificação* (a edificar-se porém somente a partir de 1577), em obra subsequente ao empreendimento da nova Igreja do Espírito Santo (a partir de 1566), a área de terrenos que se constituía como propriedade régia desde os inícios do séc. XVI desde a assinalada notícia da compra dos mesmos por ordem de D. Manuel. Situavam-se junto aos lançamentos nascentes da Cerca amuralhada, entre as *Portas do Moinho de Vento* e da *Traição* e prolongavam-se ao longo da área de expansão urbana do núcleo populacional que, já duzentos anos antes, aparecia designado como *arrabalde de Mendo Estevens* (cujo eixo era já a rua que conservou essa mesma toponímia), das *Portas de Moura* até às *Portas de Machede* (ESPANCA: *op. cit.*).

O impulso henriquino convergiu numa nova edificação, que teve, sobretudo após o arranque do Colégio do Espírito Santo, que existia já em 1553, um importante foco eborense, acompanhando o próprio decurso de renovação urbana, que se coloca a par de Coimbra. De resto, a adopção da *arquitectura colegial*, no séc. XVI português, tinha já trazido, como primeiros exemplos, o caso urbano de Coimbra, em que o edifício central da Universidade, para ali transferida em 1537, veio a rodear-se por diversos outros colégios de planeamento novo, conferindo à cidade a aura simbólica, como física, do que se constituía enquanto imemorial *universitas* (cf. CORREIA 1990: 269-290 e MOREIRA 1995: 343-344, 347-350; ou recentemente: CRAVEIRO 2009; LOBO 2009: 61-ss., entre outros autores); a instalação universitária eborense veio complementar o âmbito de aplicação deste mesmo modelo².

¹ Em Itália, sobretudo em fases coincidentes com a Contra – Reforma, surgiram os seguintes estabelecimentos: *Colégio Ghislieri* (1569) e o *Colégio de San Carlo Borromeo* (1585) em Pavia; o *Colégio Puteano* (1605), em Pisa; o *Colégio Romano* (1582), surgia como um programa jesuíta. De qualquer forma, para o séc. XVI, em Roma, assinalam-se ca. de 40 fundações colegiais.

As obras eborenses, que, de sécs. XVI a XVII, foram acompanhadas de outras fundações, manifestaram o cumprimento da mesma *função colegial*; temos o *Colégio da Madre Deus*, o *Hospital e Cadeia da Universidade*, o desaparecido *Colégio dos Porcionistas*, à Rua de S. Maços e adjacente à Sé, além de outros exemplos, caso do *Colégio dos Irlandeses* (por restituir). Significativamente, todos se circunscreviam em pontos espalhados ou próximos da mencionada área do *arrabalde de Mendo Estevens*, como uma *vizinhança*. Estando um dos seus limites no Largo das Portas de Moura, aí se colocou, ca. 1560, uma Fonte de desenho e simbologia modernos, realização atribuível a Manuel Pires (Mestre a que adiante se voltará a referir), em obra correlativamente inserida nos programas arquitectónicos henriquinos, mas alguma forma associada à recente edificação do Aqueduto da Água da Prata, evidenciando, quanto a um fomento humanista e expressão construtiva, uma dinâmica de programas eborenses que vinham de antes (CRAVEIRO 2009: 56; MOREIRA 1995).

É sugestivo pensar-se, ainda que em conjectura poética, que tal Fonte, culminando numa graciosa esfera, representando talvez o *Mundo*, assinala igualmente a *fonte da sabedoria*, em alusão às actividades que teriam o seu cenário na zona próxima. Na notória afinidade entre as arquitecturas colegiais e as arquitecturas monásticas, tal como se estabeleceram em torno aos sécs. XI-XII, constata-se que há áreas interiores centrais do *Colégio do Espírito Santo* ou do seu *Pátio dos Estudos Gerais* (concluído em 1559), possuem a mesma dinâmica como focos distribuidores dos lanços edificados que os claustros monásticos. Referir-nos-emos ao Pátio, onde, já no séc. XVI, se assinalou desde sempre a presença de uma *fonte*, exactamente do mesmo modo em que os claustros românicos e góticos se caracterizavam por ter, ao meio, semelhante elemento técnico, evocando a água, como *fonte de vida* ou *fonte da sabedoria divina*³.

Quanto ao modelo arquitectónico colegial, estabeleceu-se no próprio momento em que surge o que viria a ser reconhecido por Gregório IX como a *Universidade de Paris*, através da sua Bula *Parens Scientiarum* (1231). As origens desta primeiríssima instituição universitária, remontavam, na verdade, à centúria anterior, em que se desenvolvia o *ensino* em torno aos *claustros* da Catedral de Notre-Dame, do rudimento das Letras às Artes; em Notre-Dame pontuava também o ensino da Música, destinado à formação do seu coro (TULLIER 1994: 29-ss.). Sendo a *universitas* a congregação dos grupos escolares que se repartiam por vários estabelecimentos distintos, muito embora tivessem em comum práticas,

² Fundada no séc. XII, a Abadia de Santa Cruz de Coimbra pode já entender-se, pela vocação de escola que também lhe cabia, como *colégio*, salientando-se o papel pedagógico que terá protagonizado até aos próprios inícios do séc. XVI, período em que se distinguiu pela acção de Frei Brás de Barros.

³ Daí, o simbolismo que se poderá eventualmente extrapolar para o tema da Fonte eborense do Largo das Portas de Moura.

regras e estatutos, obviamente compartilhavam uma mesma missão de *scientia* e de transmissão valores de *universalidade* prefigurando o Humanismo. Foi a esses grupos ou estabelecimentos que, em pleno período medieval, se conferiu o nome de *colégios*⁴. Assim sendo, uma tipologia que era evidentemente destinada à missão religiosa, veio a ser igualmente conotada com a *escola*, representada pelo *claustro*. Do incremento do sistema de ensino medieval, surgindo das catedrais e depois dos mosteiros, cada vez mais agregando mestres e discípulos, originou-se a instituição distinta do *colégio escolar* (KIENE 1996: 565-566)⁵.

A organização daí decorrente, mesmo tornando-se progressivamente laica, não deixava de prosseguir o exemplo das práticas magistrais (o *magister dixit*), do Mestre que se dirige aos seus alunos, em idêntico gesto ao do eclesiástico que se explica a uma assembleia, bem como as metodologias de exegese e hermenêutica dos textos, desenvolvidas a partir dos estudos bíblicos, regressando o primado dos autores clássicos, de onde resultou a produção de comentários, no sentido de autoridade que do papel dos Professores como *Mestres* do pensamento, na emergência da *Escolástica*, ou seja o que derivava do saber dos *escolares*, com auge em torno ao séc. XIII (PANOFSKY 2001: 1-24). Foi igualmente em Paris que, dos claustros catedralícios, ainda em plena transição dos sécs. XII-XIII, tal ensino passasse também a ter lugar nos mosteiros e abadias instalados na *rive gauche*, e entretanto fundados de acordo com os ideais mendicantes. Fosse por rivalidades ou recusa por parte de novos Mestres quanto ao que se ensinava em Notre-Dame, fosse pelo facto da Catedral ter entrado em obras a partir de 1160, distinguir-se-iam então diversos outros centros, cada qual com os seus Mestres, albergados na boa tutela monástica, como sucedia com as desaparecidas Abadias de Ste. Geneviève, St. Victor, St. Germain-des-Près... Todas parte da *universitas* parisiense (KIENE 1996: 565-566; TUILIER 1994: 31, 34-51)⁶.

⁴ Contrariamente ao que veio a ser o facto da institucionalização centralizadora das universidades, enquanto organizações de gestão unificada e sendo este o caso da Universidade de Évora, oficializada em 1559, a *universidade* correspondia antes, em origens que remontam aos sécs. XII-XIII, um sentido de manifestação plural.

⁵ Na ocasião de se fundarem colégios universitários de raiz, adequados ao que se exigia para âmbitos de uma comunidade que, além dos espaços de *aula*, necessitava de refeitório, fontes de água para beber ou para se lavarem as mãos, capelas para rezar e dormitórios para o repouso, o modelo aproveitado era o que existia já consolidado, e aliás destinado a similar uso colectivo, que era o modelo já estabelecido da arquitectura dos mosteiros. Os *mosteiros*, como os *colégios*, e, aliás, como os *hospitais*, não deixavam de especificar-se como formas construtivas do que, na sua base, embora partindo cada qual desses grupos de tipos de edifícios comportando elementos comuns, mais não era que a constituição de uma *arquitectura funcional*.

⁶ Tomavam assim protagonismo as instituições conventuais que seriam sobretudo conhecidas como *collèges*, ainda que fossem obviamente *mosteiros*, como o cisterciense *Collège des Bernardins*, além do *Collège de Cluny* e demais exemplos (*Collège de Constantinople*, *Collège de St. Honoré*, o célebre *Collège des Dix-Huit*). Eram o centro do que se designava *Ecole du Petit Pont*, evocando a ponte que unia a *Île de St. Louis*, onde estava a Catedral à *rive gauche*.

Surgiria esta área de *universitas* no decurso da definição de funções urbanas, acompanhando o próprio crescimento territorial dos aglomerados demográficos e a rua era o cenário natural para os acontecimentos sociais; havia notícias de desacatos que pontualmente ocorriam, bem como de espaços «ilícitos» e que fariam distinguir estudantes cumpridores de outros pior comportados. Uma rua parisiense com tal fama era a velha *Rue de Coupe-Gueule*, ainda encostada às muralhas edificadas no séc. IX para envolver um anterior momento significativo da expansão da cidade além das margens do Sena. De modo a solucionar problemas de alojamento de uma nova afluência demográfica, bem como de modo a contribuir à depuração de comportamentos públicos, Robert de Sorbon, Capelão do Rei de França, solicita autorização para adquirir prédios junto dessa referida Rua; aí estabeleceu uma nova edificação, igualmente modelar para o futuro, o Colégio que seria conhecido com o nome do fundador: *Collège Sorbonne* (TUILIER 1994: 97-119). Na sua forma actual, a *Sorbonne* resultou, de qualquer modo, da sequência reconstrutiva promovida no séc. XVII, a partir de 1627, pelo Cardeal Armand de Richelieu (+1648) (TUILIER 1994: 499-511)⁷.

Coubera precisamente a um outro Cardeal (D. Henrique), o empenho relativo à fundação da segunda universidade portuguesa. As obras henriquinas começam afirmar-se, enquanto resultado expressivo, pela intervenção que trouxe a finalização das obras no *Convento do Bom Jesus de Valverde*, e, à época, propriedade da Mitra de Évora, destinando-se ao repouso dos Arcebispos (sendo, circunstancialmente, o Bom Jesus um dos *pólos colegiais* da actual Universidade) (cf: CORREIA 1991: 37-40; CRAVEIRO 2009: 56-62; ou MOREIRA 1995: 350-352). A partir de 1550, acompanhando a necessidade do fomento construtivo eclesiástico, era, na verdade, já determinante a regra arquitectónica retirada dos tratados modernos que, originando-se em Itália (com Leon Battista Alberti em 1453 e prosseguida por Sebastiano Serlio, em 1537), trouxeram modelos específicos para as tipologias edificatórias; a leitura das realizações henriquinas evidencia assim o modo como nas mesmas se projectaram modelos e normas programáticas baseadas no Classicismo formal. Os princípios clássicos, que, em geral, haviam sido pensados e propostos para conduzirem a efeitos de beleza de acabamentos e de traços, tanto melhor se aplicavam, não menos, ao projecto de arquitecturas funcionais a que corresponderam as igrejas e colégios henriquinos de Évora, pouco ornamentadas, mas fortemente presentes numa estética de solenidade despojada⁸.

⁷ Ao colégio a fundar por Robert de Sorbon no séc. XIII, atribuíram-se, além de aulas, funções de residência para estudantes, mas também uma *Biblioteca* e, séculos depois, uma importante *tipografia universitária*. Do tempo de Richelieu, desenhou-se um amplo pátio escolar, o qual, do seu lado sul, terminava na frontaria da Capela de Sainte-Ursule, concluída em 1650 e desenhada por Philippe Lemercier.

⁸ A arquitectura portuguesa de finais do séc. XVI possui, deste modo, um nítido recorte clássico, de desenho acoitado embora firme e compacto, que encerra volumes edificados em linhas que revelam o ritmo certo, contínuo e regular da colocação de pilares ou colunas, e regulando aberturas, enquanto esteio fundamental de um pensamento que materializa sobretudo geometrias sólidas e especialmente destinadas ao princípio regulador da *utilidade*.

Em Valverde, D. Henrique, promovendo o que vinha de campanhas anteriores: a excepcional *Capela do Bom Jesus* ou a delimitação da *Cerca*, entregou o mesmo Convento, ainda em 1544, à gestão dos frades Capuchos; outras obras decorreriam a partir daí. Vinte anos mais, terá demorado a conclusão do edifício conventual (até 1564), em que participaram os mesmos Mestres-de-Obras que, ao serviço de D. Henrique, também foram os responsáveis pelas restantes obras na cidade.

Destaca-se aqui o papel que terá detido Manuel Pires (+ 1570), que interveio na edificação da Igreja de Santo Antão de Évora (entre 1557-1563); intervenção assegurada e continuada por Brás Godinho e Afonso Álvares, este último também principal encarregado da empreitada da nova Igreja do Espírito Santo (em que Pires ainda participou). Manuel Pires terá sido o presumível responsável pela traça do *Claustro do Bom Jesus* e igualmente pela traça do *Claustro da Cisterna* ou *dos Irmãos* no Colégio do Espírito Santo, realizações que comportam, entre si, evidentes similitudes, seja quanto à concepção dos espaços de quadra, quer quanto ao uso de elementos formais, como fossem a aplicação de ordens clássicas e o desenho introduzido pelas arcarias redondas, no contraste harmonioso com a linha recta que definia soalhos como alçados. O sinal erudito e a perícia técnica caracterizaram a obra dos Mestres de D. Henrique, em contingente encabeçado por Manuel Pires e Afonso Álvares, além de outras eminentes figuras do *fin de siècle* arquitectónico alentejano. Contudo, salientando-se a diferença que então havia entre *Mestres-de-Obras* e *Mestres-de-Risco*, ou seja, entre *arquitectos* – «*empreiteiros*» e «*projectistas*», se bem que ambas as competências pudessem coincidir nas mesmas pessoas, a questão da autoria das plantas dos colégios eborenses permanece em aberto, estando por confirmar a quem coube os respectivos planos do *Espírito Santo* (ESPANCA 1966: 76; ESPANCA 1959: 166-167; MOREIRA 1995: *ibid.*).

Antes ainda da ocasião que trouxe a viabilidade de se transformar o Colégio do Espírito Santo em *Universidade*, sabe-se que o mesmo edifício foi começado por volta de 1551, cumprindo a missão de assegurar o funcionamento de *Estudos Gerais* em Évora e para o qual, na verdade, se haviam chamado Padres jesuítas, evidentemente reconhecida a sua competente vocação pedagógica que caracterizaria, de resto, a Companhia. Tratava-se, de acordo com o presente estado dos conhecimentos, do primeiro núcleo de «*quinze celas*», presumivelmente correspondentes à parte do actual Colégio do Espírito Santo em que está o *Claustro da Botica*, entretanto descaracterizado sobretudo pelo derrube da arcaria que envolve a actual quadra (ESPANCA: *op.cit.*). Em 1553, inaugurava-se esse primeiro arranque, exactamente ao mesmo tempo que a proposta de tornar o Colégio em estabelecimento universitário começou a tomar forma; à época, Simão Rodrigues, principal responsável português da Companhia de Jesus, terá trazido de Roma planos específicos para um projecto que, precisamente, fosse de um *colégio universitário*. Em 1553, ainda, passava pelo Reino, Bartolomé de Bustamante Herrera, acompanhando, como Secretário, D. Francisco Borja, sendo que Bustamante, já responsável

pelas obras jesuíticas em Espanha, terá tido debates convergentes com o propósito programático das edificações portuguesas (GUTIÉRREZ DE CEBALLOS 1967: 24-52; 57-ss.)⁹.

Certo é que se compôs um fundo de influências, que, sugestivamente, terão sido decisivas para a transformação do Colégio do Espírito Santo após os meados da década, acentuando-se a partir daqui as formas sobretudo italianizantes, que, enfim, o *Pátio dos Estudos Gerais*, que, terminado em 1559, veio conservar. Da comprovação documental, por enquanto conhecida, certificar-se-á a participação de António Álvares, como *Mestre-de-Obras* a mando henriquino, na edificação do Colégio do Espírito Santo, conforme o alvará de D. Sebastião, de Julho de 1559, cujo teor salientava também o ritmo que se deveria imprimir à empreitada. Dizia pois o documento que «*a que[m] este alvará dor mostrado*», «*enquanto durarem as obras do Colégio que o Cardeal Infante D. Henrique, muito amado e prezado tio, mande fazer na Cidade de Évora*», ao seu responsável «*António Álvares, Cavaleiro Fidalgo da sua Casa*», lhe fossem concedia toda a disponibilidade de «*oficiais e trabalhadores*» necessários, para que o que «*o dito António Álvares pedir*» e para «*servirem nas ditas obras*» (VITERBO 1899 [1988]: 492-493).

Pelo menos no que se refere ao Pátio, as obras estavam prontas para a abertura da Universidade, ficando da descrição dos festejos desse 1º de Novembro, uma notícia da saída do Bispo D. Manuel dos Santos a quem coube (na ausência, porém, do Cardeal) a celebração inaugural da nova Escola; então, «*antes de se retirar, D. Frei Manuel dos Santos percorreu o pátio das escolas, esplendidamente ornado de brocados, ramos de verdura e composições literárias em latim e grego*» (in ESPANCA 1959: 158). O ciclo de obras decorrentes do foco colegial do Espírito Santo prolongar-se-iam, realçando-se desde logo alguma descontinuidade entre a conclusão do empreendimento principal (Pátio e braços envolventes, incluindo as celas destinadas a residência dos Professores jesuítas) e a data posterior de acabamento de outras áreas interiores. Caso, nomeadamente, do *Claustro da Cisterna*, de Manuel Pires (1564), quem teria cabido o projecto do *Refeitório*, antecedido pela *Casa do Lavabo*, numa área terminada só muito depois, com a colocação de uma outra fonte, com função de lavatório, em 1596 (ESPANCA 1966: 90-91; ESPANCA 1959: 191-195).

Só após os anos finais da década de 1560 e prosseguindo pela década de 1570, se teria sucedido, respectivamente, a obra do núcleo do *Noviciado* (actual bloco da Reitoria) em trabalho simultâneo com a edificação da *Igreja do Espírito Santo* (obra de Pires e de Afonso Álvares), e o arranque do *Colégio da Purificação*, a cargo de Jerónimo de Torres e Silvestre Jorge, sob responsabilidade henriquina mas já na qualidade de Mestres das obras

⁹ Bartolomé de Bustamante (1501-1570), reconhecido entendido em estudos de arquitectura, chegava com uma experiência *prática*, tendo participado em realizações como a empreitada do Hospital de San Juan Batista em Toledo (1541-1551) ou os projectos apresentados para a igreja e Colégio do Noviciado de Medina del Campo e para o colégio em Burgos (não prosseguido), ainda em 1553.

jesuítas eborenses. As edificações não-de prolongar-se pelo período filipino, entre 1580-1600, com a conclusão do que veio a subsistir de exemplos já referidos do *Hospital e Cadeia* (depois de 1584) e o *Colégio da Madre de Deus* (actual Hospital Militar, que recebeu bula de autorização papal em 1595), em que teve igualmente responsabilidade o referido arquitecto Jerónimo de Torres (ESPANCA: *op.cit.*).

Técnica e formalmente, estes dois exemplos reflectem o crescente depuramento dos elementos clássicos; as obras são reduzidas a um espírito essencial de despojamento, de mera adequação dos espaços à sua utilidade. De qualquer modo, compõem-se como blocos quadrangulares, cujas áreas se distribuem em redor de uma *quadra*, com paramentos despidos, mais majestosos, porém, no caso do claustro do *Colégio da Madre de Deus*, em que Jerónimo de Torres terá mantido o mesmo desenho de colunas dóricas que vinha de aplicar no Colégio da Purificação. Distinto é o portal com frontão triangular, e inscrição consagrada à *Matri Dei*, que se conservou no exterior assinalando a entrada para a sua capela. No *Antigo Hospital e Cadeia*, as colunas são, enfim, substituídas por imponentes pilares, desta feita reduzidas à sua simplificação de ábacos toscanos. O traço de *Classicismo* subsiste linearmente, e é como *formalismo* que é aplicado ao sentido de volumes presentes, e fixa-se como modelo que se reconhecerá, sobretudo ao nível dos cunhais ou de pilares dianteiros de fachadas, pelas obras que decorrem na cidade ao longo dos inícios de Seiscentos.

Em finais do séc. XVII, o classicismo erudito ainda ressurgiu no molde de outra obra no espaço de influência universitária. Ao fundo da Rua de Mendo Estevens, próxima do Largo de Machede Velho e ligada ao *Colégio dos Estudantes Irlandeses*; encontra-se a *Ermita de N.ª Sr.ª da Cabeça* (1681), fundada por diligência de um irlandês, John Verdon, que se preparou para Padre no Colégio da Purificação, e que, de retorno ao seu país natal, seria o futuro Bispo de Ferns (1709-1728) (ESPANCA 1966: 94-95; O'CONNOR 2009: 85, 87). O desenho de moderna base serliana, enformou o alpendre dianteiro, entre a abertura redonda central e as aberturas laterais quadradas; modelo aliás recorrente noutras fachadas eborenses, e, precisamente, ainda visível, no Colégio do Espírito Santo, como entrada distinta de uma das antigas salas do designado *Corredor das Visitas*, que se abre a partir da actual Portaria, somente concluído (*ca.* 1677) à época em que era Reitor o Padre Manuel Luís, como disso restou notícia (ESPANCA 1966: 77; GUERRA 2005: 75-76).

O *clássico*, culminando os programas construtivos e transparecendo nas formas de acabamento é, em suma, mais que um recurso técnico; compõe na verdade uma determinada emblemática visual. Não apenas embeleza os edifícios como exprime também valores simbólicos do que foi o discurso cultural do período moderno. Tendo recebido o ensino universitário também o epíteto de *académico*, há a considerar a influência duradoura do exemplo e modelo trazido pela memória da *Academia* platónica grega, outrora instalada em Atenas. A aplicação de formas clássicas na concepção de espaços e na sua materializa-

ção, evocam grandemente essa outra matriz cultural e imemorial a que se associa à imagética dos pórticos por onde deambulariam mestres e discípulos da sonhada e utópica Antiguidade. Assim mesmo, o *Pátio dos Gerais*, frontaria do Colégio do Espírito Santo e ponto de partida estético para a identificação da *universitas* eborense, tornou-se, exactamente como nos demais *pátios colegiais* dos sécs. XVI-XVII, em réplica arquitectónica dessa primordial *Academia* grega. Evocando-se as formas puras da geometria segundo as teorias antigas da perfeição e beleza, enquanto base do Humanismo e alicerce proporcionado pela Alma, cruzando espaços e épocas, cumpria-se o propósito de exprimir *universalidade* diante do olhar dos estudantes, igualmente tementes a Deus.

Bibliografia:

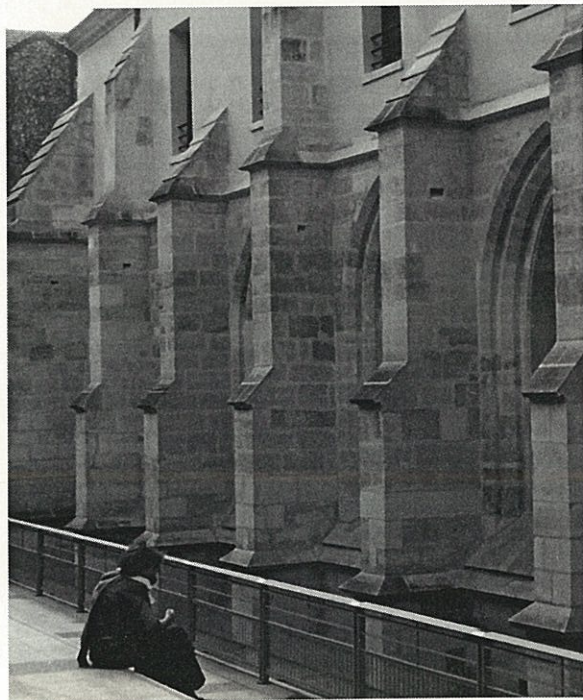
- CORREIA, José Eduardo Horta (1991): *Arquitectura Portuguesa. Renascimento. Maneirismo, Estilo Chão*, Lisboa: Presença.
- CORREIA, José Eduardo Horta (1990): «A importância dos Colégios universitários na definição das tipologias dos claustros portugueses», *Actas do Congresso 'História da Universidade (no VII Centenário da sua Fundação)*, Vol. II, Coimbra: Universidade de Coimbra, 269-290.
- CRAVEIRO, M.^a de Lurdes (2009): *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX (Coord. Dalila Rodrigues)*, Vol. 9: «*A Arquitectura 'ao romano'*», Lisboa: Fubu Editores.
- ESPANCA, Túlio (1966): *Inventário Artístico de Portugal. Tomo VII: «Concelho de Évora»*. Vol. I, Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.
- ESPANCA, Túlio (1959): «Notícia dos edifícios do Colégio e Universidade do Espírito Santo de Évora», *A Cidade de Évora (Boletim da Comissão Municipal de Turismo)*, Ano XVI, 41-42, 155-212.
- GUERRA, M.^a Luísa (2005): *A Universidade de Évora – Mestres e Discípulos Notáveis (sécs. XVI-XVIII)*, Évora: Universidade de Évora.
- GUTIÉRREZ DE CEBALLOS, Alonso Rodríguez (1967): *Bartolomé de Bustamante y los orígenes de la arquitectura jesuítica en España*, Roma: Institutum Historicum.
- KIENE, Michael (1996): «College», in *The Dictionary of Art (Dir. Jane Turner)*, Nova Iorque – Londres – Sydney: MacMillan – Grove Publishers, 565-567.
- LOBO, Rui (2009): *O Colégio – Universidade do Espírito Santo de Évora*, Évora: Centro de História da Arte e Investigação Artística – Universidade de Évora.
- MOREIRA, Rafael (1995): «Arquitectura. Renascimento e Classicismo», in *História da Arte Portuguesa (Dir. Paulo Pereira)*, Vol. 2, Lisboa: Círculo de Leitores, 303-364.
- O'CONNOR, Thomas (2009): «The Irish clerical community in the University of Évora», in *REVUE – Revista da Universidade de Évora, N.ºs. 10-11, Vol. I (Dir. Sara Marques Pereira): «450 Anos.»*, Évora: Universidade de Évora, 80-89.
- PANOFKY, Erwin (2001): *Arquitectura Gótica e Escolástica*, São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição [1991, 1951].
- PATROCÍNIO, Manuel F. S.(2009a): «O Saber e a Majestade. O Colégio do Espírito Santo e o desenvolvimento das arquitecturas colegiais na Europa moderna», in: «*Da Europa para Évora e de Évora para o Mundo*». *A Universidade Jesuítica de Évora. 1559-1759 (Dir. M.^a de Fátima Nunes e Augusto da Silva, sj)*, Évora: Instituto Superior Económico e Social de Évora, 313-334.
- PATROCÍNIO, Manuel F. S.(2009b): «Fundar no Ermo. Descrição histórico – arquitectónica e artística do Colégio e Complexo do Espírito Santo», in *REVUE – Revista da Universidade de Évora, N.ºs. 10-11, Vol. I (Dir. Sara Marques Pereira): «450 Anos.»*, Évora: Universidade de Évora, 102-116.
- POLÓNIA, Amélia (2005): *D. Henrique. O Cardeal – Rei*, Rio de Mouro: Círculo de Leitores – Universidade Católica Portuguesa/Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa.
- REICHLIN, Andrea (1968): «collegio», in *Dizionario Enciclopedico di Architettura e Urbanistica*, Direcção de Paolo Portoghesi, Roma Istituto Editoriale Romano, 31-34.
- TUILIER, André (1994): *Histoire de l'Université de Paris et de La Sorbonne. Vol. I: Des origines à Richelieu*, Paris: Nouvelle Librairie de France – Guy Victor Labat.
- VITERBO, Francisco de Sousa (1899 [1988]): *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, Vol. I, Lisboa – Imprensa Nacional/ Casa da Moeda. Reimpressão.



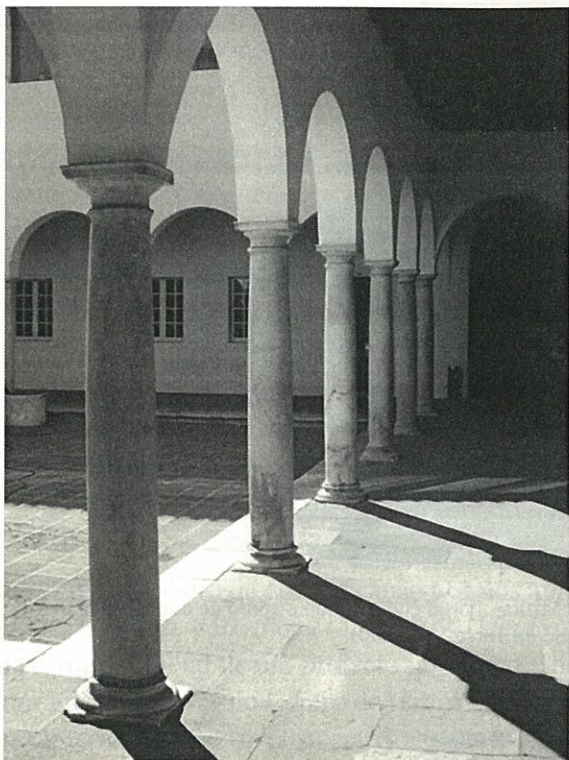
Évora. Fonte do Largo das Portas de Moura (atribuída a Manuel Pires, *ca* 1560).



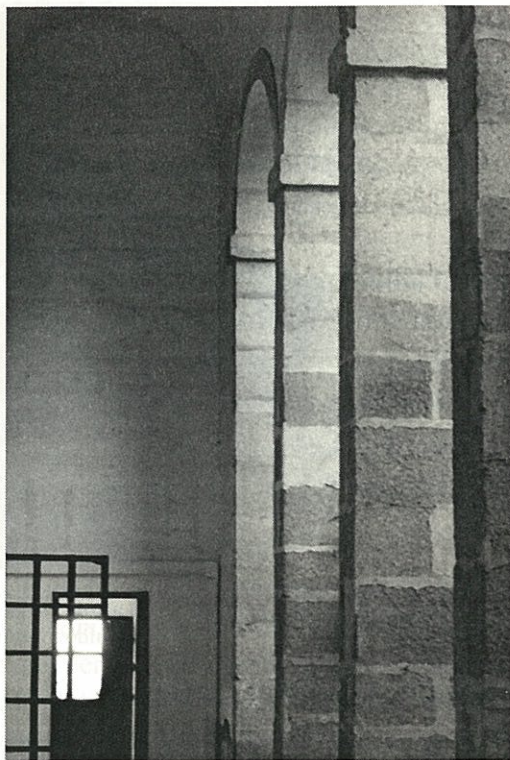
Évora. Colégio do Espírito Santo. Fonte do Pátio dos Estudos Gerais.



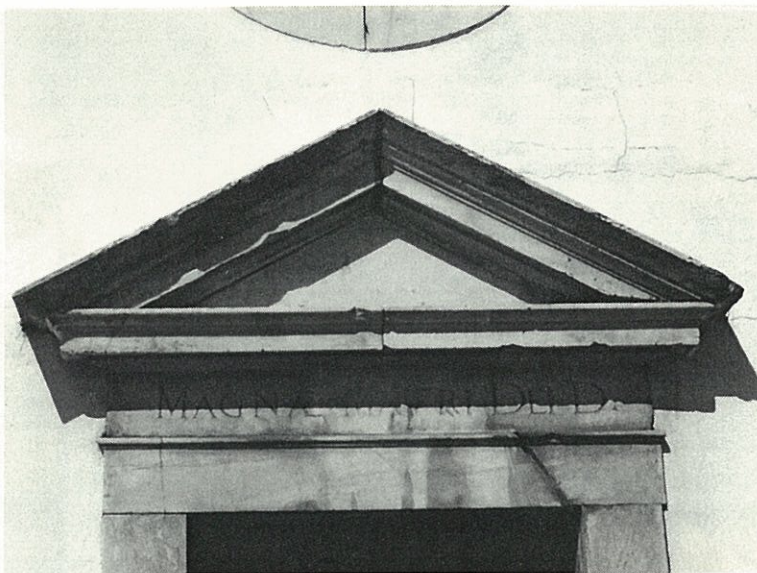
Paris. *Collège des Bernardins*. Fachada nascente (fundação cisterciense, 1246).



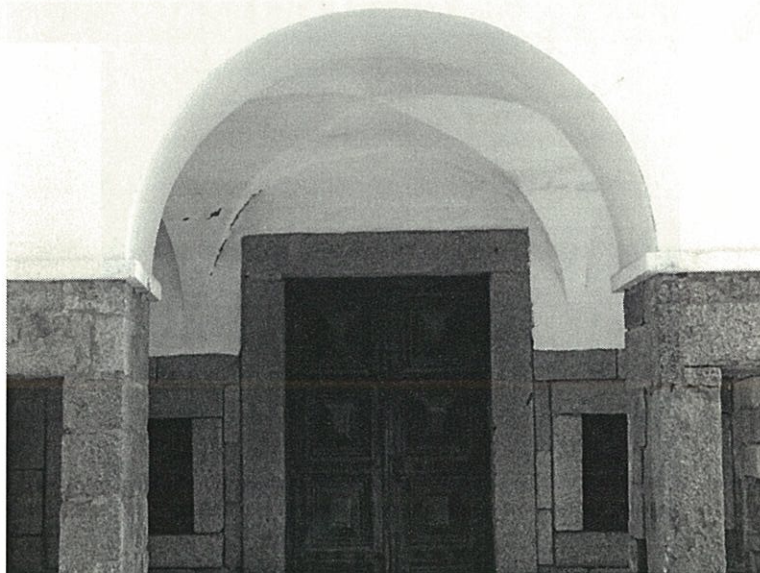
Évora. Colégio do Espírito Santo.
Claustro da Cisterna, ou *Pátio dos Irmãos*.
Galeria nascente (atribuída a Manuel Pires, *ca* 1564).



Évora. Antigo Hospital e Cadeia
da Universidade. Galeria nascente
(atribuída a Jerónimo de Torres, *ca* 1584).



Évora. Colégio da Madre de Deus, actual Hospital Militar. Portal com frontão e apoio de duplo dintelado (atribuído a Jerónimo de Torres, *ca* 1600).



Évora. Rua de Mendo Estevens. Ermida de N^a Sr^a da Cabeça, galilé de acesso com modelo tratadístico (encomenda de John Verdon, 1681).